

Jéssica Melissa Poquini

**O bibliotecário sob a ótica de Paulo
Freire**

CELACC ECA-USP

2015

Jéssica Melissa Poquini

**O bibliotecário sob a ótica de Paulo
Freire**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Gestão de
Projetos Culturais e Organização de Eventos produzido sob a orientação
do Prof. Dr. Dennis Oliveira

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela persistência em cursar Pós-graduação logo após a graduação, sempre em rumo ao aprendizado.

Ao meu orientador Dennis Oliveira pelo profissionalismo e credibilidade nesta pesquisa.

Aos meus familiares, pelo apoio e companheirismo;

A todos os bibliotecários e profissionais da área que acreditam na educação como prática da liberdade.

Ao corpo docente do Celacc, pelos momentos de transcendência e aos funcionários da secretária, sempre dispostos a ajudar.

Às educadoras entrevistadas e às escolas, que me concederam a oportunidade de conhecer um pouco do universo educacional na prática.

Sumário

<u>1.</u>	<u>Introdução</u>	9
<u>2.</u>	<u>O bibliotecário enquanto mediador da informação e educador</u>	12
<u>3.</u>	<u>O papel social e político do educador</u>	20
<u>4.</u>	<u>Confinamento da criança x Biblioteca interativa</u>	27
<u>5.</u>	<u>Aplicação de entrevista para complementação da pesquisa e sua metodologia</u>	32
<u>6.</u>	<u>Considerações acerca das entrevistas</u>	34
<u>7.</u>	<u>Considerações finais</u>	38
<u>8.</u>	<u>Apêndices</u>	39
	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</u>	47

RESUMO

O presente artigo aborda o bibliotecário enquanto educador atuante na biblioteca escolar pública. O foco da pesquisa é a investigação e reflexão sobre a possibilidade de uma postura pedagógica por parte do bibliotecário em seu ambiente de atuação mediante os conceitos e abordagem educacional de Paulo Freire, educador reconhecido mundialmente e grande defensor da educação como pilar e instrumento de acesso à cultura e desenvolvimento humano. São levantadas reflexões de como a atuação do bibliotecário no cenário do ensino público pode potencializar e dar maior visibilidade para a biblioteca mediante a colaboração teórica de Paulo Freire.

PALAVRAS-CHAVE:

1. Bibliotecário. 2. Biblioteca escolar. 3. Biblioteconomia. 4. Paulo Freire.

ABSTRACT

This study reports the librarian as pedagogue in a public school library. The research focus on the possibility of a pedagogical approach by a librarian in his daily work according to Paulo Freire, world class pedagogue, who defends education as primordial to achieve culture and human development. It refers the librarian maximizing the library in public education with Paulo Freire's view.

KEYWORDS:

1. Librarian. 2. Library school 3. Library Science 4. Paulo Freire.

RESUMÉN

El presente artículo aborda la figura del bibliotecario como educador en el campo de acción de la biblioteca escolar pública. El enfoque de la investigación es la reflexión y el cuestionamiento sobre la posibilidad de una postura pedagógica por parte del bibliotecario, en su ambiente de trabajo, mediante los conceptos y abordaje pedagógico de Paulo Freire, educador reconocido mundialmente y notable defensor de la educación como pilar e instrumento de acceso a la cultura y al desarrollo humano. Son propuestas reflexiones de como la práctica del bibliotecario en el escenario de aprendizaje público puede potencializar y dar mayor visibilidad a la biblioteca a través de la contribución teórica de Paulo Freire.

PALABRAS-CLAVE:

1. Bibliotecario.
2. Biblioteca de la escuela.
3. Biblioteconomía.
4. Paulo Freire.

"Só desperta paixão por aprender quem tem paixão por ensinar"

(Paulo Freire)

1. Introdução

A educação é um dos principais pilares para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O ato de ensinar não deve estar exclusivamente centrado nas mãos dos professores e no ambiente da sala de aula. É neste contexto que surge o bibliotecário enquanto na educação escolar, carregando consigo o compromisso social e cultural de disponibilizar a informação e o aprendizado para a população, o que é um direito da sociedade conquistado com muita luta ao longo da história. Esta pesquisa apresenta o papel do bibliotecário escolar enquanto educador, na qual traz e enfatiza a importância dos conceitos e contribuição teórica de Paulo Freire.

Os conceitos que norteiam a educação são abordados por inúmeros teóricos e estudiosos e Paulo Freire, autor selecionado para esta pesquisa, tem como conceito-chave a educação como o grande instrumento libertador do homem, formador da cultura, pela qual é possível construir uma sociedade mais democrática. (BRANDÃO, 1981, p. 44).

Quando falamos em educação devemos considerar que não estamos somente mencionando professores como os únicos profissionais integrantes de um sistema educacional. O bibliotecário também está inserido nesse sistema, principalmente quando seu ambiente profissional é a escola, no qual realiza atividades cotidianas com os alunos, por exemplo.

É importante ressaltar que o bibliotecário escolar necessita de uma bagagem teórico- pedagógica para melhor aplicar seus conhecimentos e transmiti-los de maneira clara aos usuários da biblioteca. Nesse contexto, será abordado especificamente o público infantil. Assim, a biblioteca necessita ser vista não mais como o local do castigo ou o entulho para livros velhos, mas sim uma grande aliada para explorar a imaginação e criatividade dos alunos.

A biblioteca escolar é a integração entre sala de aula e ensino na escola, ambiente de diferentes significados para cada aluno, local de

leitura, estudo, descanso, relaxamento, oportunidade de maior aprendizado entre outros. É necessário um trabalho constante para evidenciar a biblioteca e, principalmente por parte do profissional, em reciclar seus conhecimentos e trabalhar para que a biblioteca seja dos estudantes.

Diante de tantas oportunidades informacionais e tecnológicas disponíveis na internet (redes sociais, aplicativos, sites), a biblioteca para muitos é vista como obsoleta. Com a ilusão de que a informação de acesso fácil seja rápida, confiável e verdadeira, sem contestações, a biblioteca está caindo no esquecimento. Não é uma tarefa fácil para o educador trabalhar com esta questão e também não é para o bibliotecário, que se depara com regras e normas que proíbem o uso de aparelhos celulares na biblioteca, por exemplo. Diante disso, muitos alunos já encontram nesse ponto um motivo a menos para não frequentarem tal espaço.

Por esse e outros motivos, que serão apresentados no decorrer deste trabalho, é necessário esforço do bibliotecário para engajar os alunos. Para isso, grande parte precisa vir do esforço do bibliotecário em ressaltar que a biblioteca é um lugar de conhecimento, criatividade, extensão de pensamento e liberdade intelectual.

No caso de alunos, é necessário que o bibliotecário perceba a realidade sociocultural em que eles estão inseridos. Tratando-se de escola pública, muitos têm um contato com a literatura e os livros somente pela biblioteca de sua escola, por diversos motivos: falta de biblioteca pública no bairro, baixa renda e baixo grau de instrução da família, localização, desconhecimento ou falta de interesse por parte dos pais sobre a importância da leitura para o filho, entre outros.

O contexto social deve ser levado em consideração pelo bibliotecário em vários aspectos: desde o aluno não saber manusear um computador (em casos raros quando a biblioteca pública escolar o possui) até no auxílio dos materiais nas estantes, o que ressalta a importância do

bibliotecário educador não somente com livros, e sim como um educador em muitos casos.

2. O bibliotecário enquanto mediador da informação e educador

A ideia de apoio a algo ou a alguém está associada a diversos momentos e situações de nosso cotidiano: seja para solicitar auxílio em alguma tarefa, esclarecimento de uma dúvida ou uma simples gentileza. Em ambiente escolar, é essencial que o aluno tenha sempre o apoio pedagógico e direcionamento para o desenvolvimento de suas atividades. O contexto de apoio abordado aqui não se trata somente de atitudes gentis, mas sim de assumir uma postura de respeito e dever social dos educadores na escola em garantir sempre o acesso à informação.

Neste cenário, o bibliotecário deve assumir a postura de mediador da informação, com objetivo de identificar as necessidades informacionais do aluno e supri-las com seus conhecimentos e habilidades de pesquisa. É necessário discorrer sobre as diversas conceitualizações do termo “mediação da informação” para reflexão de como o bibliotecário pode atuar como agente pedagógico, uma vez que o tema em si não possui um significado universal, variando entre os estudiosos.

De acordo com Malheiro e Ribeiro (2011), “[...] o que permite inferir que até hoje não foi sujeito a um exercício de apropriação e ajustamento pelos especialistas em CI, (Ciência da informação) e quando usado por estes, foi uma cópia ou tradução direta de certas fontes. [...]”.

Embora exista tal ausência de definição, alguns autores apresentam o tema de forma mais reflexiva, com objetivo de maior apropriação para a realidade, atentando-se para o conceito referente a algo presente cotidianamente nas relações humanas. Conforme apontado por Gomes (2010), “para tratar a mediação, de início, é preciso situá-la como ação vinculada à vida, ao movimento, ao processo de construção dos sentidos” (GOMES, 2010. p. 87).

No contexto da biblioteca e atuação profissional, Almeida Júnior (2009) traz a mediação da informação como elemento presente entre usuário e bibliotecário, sendo este uma espécie de ponte, o profissional

inserido em determinado ambiente que favorece o encontro com a informação. De acordo com ele:

“toda ação de interferência-realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação da informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional”. (JÚNIOR, 2009. p.92)

Trazendo para o panorama educacional, segundo Silva (2009) o conceito tem sido pouco utilizado para a temática escolar “em face da desvalorização acadêmico- profissional que tem sido conferida à biblioteca escolar” (SILVA, 2009. p.78). Os estudos de mediação necessitam ter maior abordagem para o ambiente escolar, afinal os alunos também possuem necessidades informacionais, principalmente uma sede de curiosidade, muitas vezes não suprida, seja pela falta de vontade do professor, não identificação desta necessidade ou até mesmo vergonha que o aluno possui para manifestar-se. Nesse ambiente, o bibliotecário também está inserido, pois não houve mediação por parte dele para identificação das dúvidas do aluno, seja em ações culturais na biblioteca, contação de histórias ou uma simples pesquisa pelas estantes. A mediação da informação por parte do bibliotecário é realizada em diversos momentos de suas atividades e muitos profissionais não percebem, seja para a instrução de como utilizar o catálogo, indicação de leituras ou como portar-se na biblioteca.

Em exemplos práticos, há contextos em que a mediação deve ultrapassar o ambiente aluno-biblioteca. Uma eventual dificuldade de leitura de um aluno percebido pelo bibliotecário, falta de atenção ou dificuldade de concentração, deve ser notificado para o professor, sempre com objetivo da melhora do aluno em primeiro lugar. Devem ser deixados de lado eventuais caprichos do professor em receber o apontamento do colega de trabalho, pois, em parceria, o aprendizado do aluno só tem a aumentar e a relação entre educadores se tornará mais sadia.

Há mediação da informação quando o bibliotecário detecta falhas de infraestrutura na biblioteca que comprometam o aproveitamento do espaço pelos alunos e o reporta ao diretor da escola, solicitando auxílio e maior investimento ou quando o acervo precisa de melhorias, seja para expandi-lo com títulos novos ou aumentar a quantidade de um título já existente a fim de detectar o nível de leitura.

O bibliotecário também deve assumir o papel de mediador com a comunidade envolta da escola, divulgando suas atividades, acervo, espaço, importância da leitura e ressaltar que aquele espaço é para a comunidade usufruir, bem como seus filhos. Conforme aponta Neves (2004), a biblioteca “constitui-se também em memória coletiva do grupo a ela diretamente relacionado bem como da comunidade local e da sociedade em geral” (NEVES, 2004. p. 223).

Abrir espaço e oportunidade para o diálogo com os alunos também faz do bibliotecário um mediador da informação, afinal a biblioteca não deve ser um local opressor e burocratizador para o aluno, e sim um ambiente em que ele sinta-se parte do processo, gerando melhorias contínuas: “O importante é que os próprios frequentadores da biblioteca sejam ouvidos para se encontrar a forma que melhor responda às solicitações e necessidades” (SILVA 2009. p.79).

Deve sempre ser levado em consideração o fato de que a biblioteca é um local especialmente feito em prol de seus frequentadores, um espaço de lazer, acesso à cultura, ao conhecimento e que o bibliotecário é a pessoa que vai estabelecer este contato entre os livros e o aluno.

Para que a mediação da informação ocorra sempre de maneira positiva e com resultado eficaz é importante traçar o perfil do bibliotecário escolar. Serviços de qualidade são oferecidos por profissionais qualificados, com perfil e competências necessárias. Não seria diferente na biblioteca escolar, onde estamos trabalhando com os alunos, os quais possuem necessidades informacionais. Acerca do perfil do bibliotecário, Corrêa (2002) enfatiza que “ele necessita de uma boa comunicação com

os estudantes, deve ser agradável, gostar de servir e ser criativo e responsável” (CORRÊA, 2002, p. 115). O fato de o público ser infantil exige ainda mais do bibliotecário, pois muitos alunos podem apresentar dificuldades para expressar o que querem e indecisos para com os títulos que optam por ler. Nesse contexto, Douglas (1991) afirma brilhantemente que “o bibliotecário deve compreender as crianças, saber conquistá-las, dirigi-las, ter espírito de curiosidade, animação, boa saúde, tato, entusiasmo, energia, saber lidar com adultos tanto quanto com criança”. (DOUGLAS, 1971. s.p).

É importante que, além deste perfil específico, o bibliotecário tenha conhecimentos pedagógicos mínimos para o tratamento com as crianças. Infelizmente, a realidade brasileira é que as maiores dos cursos de Biblioteconomia não possuem uma grade curricular específica sobre biblioteca escolar em seus cursos de bacharelado e muito menos cursos de especialização na área educacional. Os motivos não cabem ao foco desta pesquisa. No entanto é importante ressaltar que mesmo com a ausência de qualificação, nada impede do próprio bibliotecário assumir uma postura mais proativa e de enriquecimento para sua atuação pedagógica na área educacional infantil.

Em relato de experiência com a leitura, Ezequiel Theodoro da Silva (2009) traz a fala da professora Marilene Vidigal da Costa, educadora e defensora da poesia como recurso de aprendizado e grande aliada para despertar uma visão de mundo mais crítica e abrangente: “Uma atividade que deveria ser olhada com mais carinho é o uso de poesia em sala de aula. O papel da escola é formar o homem integral: razão e emoção. Assim, a escola é também o lugar da poesia” (Silva, 2009. p. 85).

Por que não utilizar a poesia no ambiente da biblioteca nas atividades que envolvam a sala de leitura por meio do bibliotecário como mediador entre as inúmeras mensagens que a obra transmite e os comentários das crianças? Trata-se de outro exemplo de mediação e atuação educacional do bibliotecário, tão enriquecedora. Um poema interessante e enriquecedor a ser trabalhado com as crianças é o poema

de Manoel Bandeira "O Bicho", tema de pesquisa, abordado por Lago (2011, p. 06), o qual possibilita abrir espaço para discussão de temas como a fome, a individualidade humana e o desperdício de alimentos:

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem.

Para o alcance de um resultado eficaz dessa atividade de mediação, é interessante, como já enfatizado, que o bibliotecário tenha conhecimentos teóricos pedagógicos básicos. A partir da reflexão que surge desta pesquisa, o bibliotecário conta com um grande aliado e defensor da educação: Paulo Freire. Não se trata do bibliotecário trabalhar com seus métodos de ensino na biblioteca, e sim com a concepção filosófica de Freire de que a educação é instrumento libertador e, acima de tudo, humanizador. A concepção das ideias de Paulo Freire é apresentada logo de início em "Pedagogia do Oprimido". Por isso, a pedagogia de Paulo Freire, sendo método de alfabetização, tem como ideia animadora toda a amplitude humana de "educação como prática da liberdade" (FREIRE, 2014. p.12).

Por meio do caráter humanista que Freire propõe, sempre enfatizando a importância do saber ouvir as palavras do educando, conseguimos extrair seu universo e visão de mundo. Saber ouvir também

é um ato de humanidade, frente a um universo marcado pelo individualismo, tecnologia atualizando-se cada vez mais rápido, falta de paciência e a busca pelo sucesso individual. Outro apontamento filosófico que Freire nos apresenta é o homem como ser transformador e atuante na história, “na medida em que se apercebe como testemunha de sua história, sua consciência se faz reflexivamente mais responsável dessa história” (FREIRE, 2011. p.14).

É importante que a criança também se sinta como parte da história; ela pode construí-la com atitudes hoje que servirão de exemplo e incentivo para outras e o bibliotecário assume papel importante neste processo, por meio de atividades promovidas por ele na biblioteca. Os exemplos são inúmeros, como promover uma oficina de leitura sobre o meio ambiente, na qual a criança expõe sua contribuição para o respeito e preservação, ou uma contação de história indígena que retrate a importância da água para os homens e como utilizar com consciência os recursos naturais. Para isso, é necessário dar poder de voz para o aluno organizar a sua fala e seu discurso, de maneira autônoma.

A criança, mesmo que no momento de sua fala não tenha plena consciência de seu discurso, já planta uma semente para futuramente assumi-la enquanto ser pensante e crítico: “[...] simplesmente coloca o alfabetizando em condições de poder re-existenciar criticamente as palavras de seu mundo, para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra. [...]” (FREIRE, 2014. p. 16).

Ser e atuar como bibliotecário traz intrinsecamente o compromisso social e profissional de garantir o acesso à informação e ao conhecimento e isto também embarca propiciar momento de fala ao usuário, expressar-se como ser humano em um momento da vida que há perguntas e questionamentos para tudo. Em determinadas situações o bibliotecário pode dar as respostas, ser um mediador da informação presente e, em outras, incentivar que a criança busque por si própria. O que este profissional deve sempre ter em mente é que a educação deve ser humanizadora e nunca opressora; calar as dúvidas e questionamentos

das crianças não é ser educador, e sim tirano e ditador, pois só aceitará responder aquilo em lhe convém. É obvio que ninguém possui todas as respostas para todo questionamento, mas o bibliotecário possui competências, como estratégias para recuperação da informação que podem ser utilizadas para sanar as dúvidas dos alunos.

O enfoque filosófico e as ideias de Paulo Freire abrem caminho para a reflexão do homem enquanto sujeito que toma consciência do mundo e com o mundo. Considerando essas ideias, o bibliotecário precisa ter consciência de que sua profissão abre portas para os alunos enquanto seres pensantes e críticos, abrindo caminho para oportunidades de pensamento que não podem ser ignoradas, conforme prefácio de Ernani Maria Fiori, em "Pedagogia do Oprimido":

"Paulo Freire não inventou o homem; apenas pensa e pratica um método pedagógico que procura dar ao homem a oportunidade de redescobrir-se através da retomada reflexiva do próprio processo em que vai ele se descobrindo, manifestando e configurando método de conscientização" (FIORI *in* FREIRE, 2014. p.20).

O método de ensino de Paulo Freire possui como base o ser humano, o respeito à visão de mundo do educando, sua linguagem, fala e costumes. Nada é ignorado, e sim aproveitado para que, a partir de sua vivência e conhecimentos, o educando aprenda com aquilo que já é de seu conhecimento, envolto de sua vivência. Não seria diferente tratando-se de biblioteca escolar: respeitar o aluno, abrir espaço para sua fala, descobrindo, por meio da magia dos livros e das histórias, que o mundo pode ser melhor, que ele é importante, pois a biblioteca deve ser dele e para ele sentir-se participante e atuante na história: "[...] todo bom método pedagógico, não pretende ser método de ensino, mas sim de aprendizagem; com ele, o homem não cria sua possibilidade de ser livre, mas aprende a efetivá-la e exercê-la" (FREIRE, 2014. p. 26).

Em simples palavras, o bibliotecário, enquanto mediador da informação e educador, tem valiosa bagagem teórica de aprimoramento

profissional por meio da abordagem filosófica de Paulo Freire; sua contribuição para a biblioteconomia vai além do atendimento ao usuário, trata-se do homem enquanto ser social e modificador de sua história e cotidiano, prática que é um compromisso social do profissional bibliotecário.

3. O papel social e político do educador

Educação não deve denotar somente acesso ao conhecimento e a possibilidade para um futuro melhor, como encarado por muitos em uma visão simplista. Seu contexto vai além de uma possível ascensão profissional por parte dos alunos e o educador, seja professor ou bibliotecário, precisa ter a consciência que educação é mais abrangente do que a sala de aula ou a biblioteca. Trata-se também de visões de mundo, postura e escolhas.

Traçando de maneira rápida sobre a preocupação do desenvolvimento educacional e cultural no país, embora não seja este o ponto central desta pesquisa, para discorrer a respeito da educação atualmente, é necessário contextualizar que a preocupação com a intelectualidade no Brasil ocorre no governo de D. João, no cenário da família real portuguesa fugindo da expansão de Napoleão Bonaparte em Portugal, ocasionando, assim, sua vinda para o Brasil. O governo de D. João tem como caráter central o benefício das elites dominantes. Segundo Cotrim (2002), D. João foi responsável pela criação de diversas instituições voltadas para o ensino, entre elas a inauguração da Biblioteca Real, além da chamada Missão Francesa, trazendo diversos artistas e professores em 1816 para “europeizar” o Brasil. Cotrim ainda enfatiza que “todas as realizações de D. João VI no plano cultural estavam marcadas pela mentalidade colonialista e não tinham preocupação de beneficiar o povo. Eram medidas destinadas à satisfação das elites coloniais” (COTRIM, 2002. p. 280).

Através desta rápida observação da história do desenvolvimento brasileiro, percebe-se que o acesso à vida cultural e educacional no Brasil possuía caráter de exclusividade para as elites dominantes, banindo, assim, a maioria da população vivente nas colônias, cerca de 70%. COTRIM, 2002 ressalta: “passados mais de 150 anos, a situação educacional no país continua sendo de exclusão da maior parte da

população à informação de qualidade e com pequeno índice de preocupação na pauta dos governantes”. Em 1960, de acordo com o censo, só na região Nordeste do Brasil o índice de analfabetos adultos beirava quase 60%. (Lima, 2013). Se o acesso à educação para adultos era dificultoso, imagine para as crianças, ainda mais considerando que muitas não tinham acesso por conta do trabalho infantil, ausência de escola na região e a própria locomoção para as mais distantes. Passado o tempo de colônia, nosso país ainda apresenta, por uma série de motivos, um cenário que exclui a maior parte da população à educação qualificada, priorizando aqueles que possuem condições financeiras favoráveis.

É neste cenário de exclusão educacional que entra em cena a figura de Paulo Freire enquanto educador engajado na luta pela democratização da educação. Freire soube o que foi viver em um ambiente de miséria e esquecimento por parte das políticas públicas. Venício A. de Lima em seu livro “Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire” traz o panorama político e social em que Paulo Freire estava inserido e as principais motivações que o levaram à defesa da educação como instrumento de libertação da opressão. Não cabe a esta pesquisa uma análise aprofundada a respeito da vida de Paulo Freire, mas seu contexto social reflete profundamente na percepção de sua filosofia conforme, aponta Lima:

“Paulo Freire é um filósofo social pernambucano, nascido em 1921, no Recife, maior cidade do Nordeste brasileiro. [...] A crise econômica de 1929 obrigou sua família, pertencente à classe média baixa, a se transferir para uma pequena cidade do interior do Recife, Jaboatão. [...] Sua família enfrentava uma situação extremamente difícil e Freire Cresceu experimentando a pobreza e a fome e começou a compreender a fome dos outros” (LIMA, 2011. p. 42).

Formado em Direito pela Universidade de Recife, abandona a advocacia após sua primeira causa, Freire obtém em 1959 o grau

equivalente aos dias de hoje o título de doutor em História e Filosofia da Educação. (Lima, p. 42). Católico e militante, inicia sua experiência com educação em meados da década de 1940. Freire, por meio de seu método de ensino, gera o descontentamento das elites e da classe política, ao verem a oportunidade dos analfabetos para o aprendizado, o que poderia ocasionar reviravoltas sociais e políticas. Segundo Lima, (2002), "o método Paulo Freire chamou a atenção quase imediatamente [...] possibilitava que os analfabetos pobres tomassem consciência de sua de sua condição social, isto é, despertassem sua consciência social" (LIMA, 2002. p. 42).

Não há como negar que o acesso das classes pobres à educação traz intrinsecamente o descontentamento das classes dominantes e da política. A oportunidade que Freire traz para os camponeses, operários e demais trabalhadores no que chama de tomada de consciência, remete ao indivíduo um olhar reflexivo quanto a si mesmo, sua condição e situação no mundo em que vive e enquanto ser humano atuante e transformador do mundo. A consciência política de Paulo Freire é vista por muitos como ameaçadora.

O bibliotecário, enquanto educador é principal ator nesta pesquisa e ele deve ter consciência de que seu trabalho, além de social, também é político e que, dependendo de seu posicionamento ideológico (defendido aqui como democratizador da informação e do conhecimento), amplia ou reduz o acesso de seus usuários aos serviços da biblioteca, o que seria uma contradição tratando-se de biblioteca escolar de escola pública.

Paulo Freire teve contato com a classe biblioteconômica em 1982, fato desconhecido por muitos bibliotecários durante palestra apresentada no IX Congresso brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em João Pessoa. Desta palestra, surge o artigo "Alfabetização de adultos e bibliotecas populares- uma introdução", presente em seu livro "A importância do ato de ler" FREIRE (1992). Nele, Freire aborda a relação política e a educação como conceitos que caminham juntos: "Quanto mais ganhamos esta clareza através da prática, tanto mais percebemos a

impossibilidade de separar o inseparável: a educação da política” (FREIRE, 1992, p.35).

Freire fala acerca da ideologia que o educador transmite para os educandos, mesmo de maneira subjetiva, ressaltando que seu contexto vai além de palavras lançadas: “A educação reproduz a ideologia dominante, é certo, mas não faz apenas isto” (FREIRE, 1992. p. 36). O bibliotecário, enquanto profissional, deve proporcionar autonomia para que o público possa ter a liberdade de escolha em seus posicionamentos em relação à vida. O que ressaltamos aqui é o fato do bibliotecário ter o compromisso social de apresentar todas as informações, e não selecionar o assunto mediante sua visão de mundo. É fato, por estarmos falando de um público infantil, que certos conteúdos podem não ser apropriados, mas trazendo para exemplos práticos, uma contação de histórias na qual apresente uma visão de criação do mundo fora da crença cristã, traz para as crianças a oportunidade de conhecer o mundo visto por outras pessoas, como indígenas, literatura africana, nórdica etc.

O discurso não deve ser diferente da prática que, de acordo com Freire, “o que temos de fazer então, enquanto educadoras ou educadores, é aclarar, assumindo nossa posição, que é política, e sermos coerentes com ela, na prática” (FREIRE, 1992 p.37).

Paulo Freire em “Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa” reflete acerca da ética: “Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer da ética, quanto mais fora dela” (FREIRE, 2015. p.34). A ética profissional do bibliotecário também diz respeito à autonomia e ao direito de escolha que Freire e também aborda na mesma obra: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (FREIRE, 2015. p.58).

Autonomia traz, subjetivamente, a questão da liberdade de escolha. Partindo da lógica, se um indivíduo escolhe algo, ele teve opções que lhes foram apresentadas, deixando que optasse por qual lhe interessasse. Quando o indivíduo não tem a oportunidade de escolha e aceita aquilo

que lhe é imposto como moralmente aceito, adentramos em um conceito que Paulo Freire intitula de “educação bancária”, conceito carregado de poder político e social, que em suas palavras: “[...] a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador, o depositante” (FREIRE, 2014. p. 80). Nesse sentido, o educador será sempre o que sabe; a figura imponente que nada tem a aprender com os educandos, somente ele é o detentor e a máxima figura do conhecimento, enquanto seus educandos são meros recipientes nos quais são depositados os conteúdos. “Reconhece na absolutização da ignorância daqueles a razão da existência” (FREIRE, 2014. p. 81).

Freire traz apontamentos pertinentes quanto à postura e comportamento do educador bancário. Em linhas resumidas, o educador sempre estará na posição de superioridade, no topo da pirâmide do conhecimento e os educandos sempre abaixo dele, recebendo seus conteúdos mecânicos, sem a maior dúvida do conhecimento: o poder questionador e crítico. Ou seja,

“quanto mais se exercitam os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos” (FREIRE, 2014. p. 83).

Sobre a *consciência*, termo utilizado por Freire em grande parte de sua literatura, essa remete-nos ao ato de *pensar*. A partir do momento em que tomo consciência da minha situação enquanto indivíduo, anteriormente o ato de pensar foi exercido e, para os educadores bancários, este é um exercício de despertar da consciência crítica, a oportunidade do educando enquanto indivíduo modificador da realidade que o cerca: uma ameaça: “A questão está em que pensar autenticamente é perigoso”. (FREIRE, 2014. p. 85).

Ainda acerca do *pensar*, Freire em “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa” também traz reflexões sobre o tema e o compromisso do educador. “A prática docente crítica, implicante

do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2015. p.39). O livro, em sua leitura completa, apresenta requisitos básicos para a atuação de educador em relação a seus educandos. Uma publicação de fácil entendimento que poderia ser material de estudo para bibliotecário escolar, pois apresenta conceitos muito pertinentes a serem usados na biblioteca, como a ética, o despertar da curiosidade nos educandos, pesquisa, reflexão crítica sobre a prática, bom senso, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, competência profissional e generosidade. Os tópicos aqui apenas citados merecem atenção por parte dos bibliotecários, profissão de compromisso com o desenvolvimento educacional da criança e que a biblioteca escolar, enquanto ambiente social e de aprendizado, proporciona.

Em contrapartida à educação bancária, Freire apresenta “a concepção libertadora da educação como alternativa educacional, um educador humano, que respeita e aceita como aprendizado as experiências e visões de mundo de seus educandos. Não há depósitos de conteúdos, superioridade, memorização mecânica. “É conviver, simpatizar. Nunca sobrepor-se, nem sequer justapor-se aos educandos, des-sim-patizar. Não há permanência na hipertrofia” (FREIRE, 2014. p. 89).

O *pensar*, discutido anteriormente, na concepção libertadora torna-se real e compartilhado por educador e educando, inseridos na realidade que os cerca: “O pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados, ambos pela realidade, portanto, na intercomunicação” (FREIRE, 2014. p. 89). O processo reflexivo na concepção libertadora é instrumento de transformação para o homem, não mais sujeito meramente receptor de conteúdo. O educando torna-se ser pensante, capaz de mudar sua realidade através de seu intelecto: “A libertação autêntica, que é humanização em processo, não é uma palavra mais oca, mitificante. É

práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 2014, p. 93).

Vejamos, resumidamente, a diferença principal entre ambas as “pedagogias”: “A primeira nega o diálogo, enquanto a segunda tem nele o selo do ato cognoscente, desvelador da realidade. A primeira “assistencializa”; a segunda critica” (FREIRE, 2014. p. 101).

O bibliotecário, enquanto educador, ao optar pela concepção libertadora em seu compromisso social ofereceria aos alunos experiências proveitosas. Ao abrir as portas da biblioteca e as páginas dos livros para o saber, deve ter a consciência que estamos falando de indivíduos que “são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador” (FREIRE, 2014. p. 97). A biblioteca como espaço social e educativo proporciona ao educando a oportunidade de acesso para investir (em contraposição a depositar), em sua formação enquanto indivíduo pensante. O papel político e social do bibliotecário deve ressaltar a autonomia, opção de escolha, respeito às visões de mundo de seus usuários. No caso da biblioteca infantil, cabe ao profissional da informação proporcionar diversas atividades educacionais às crianças, sempre com o objetivo de despertar a curiosidade, ainda que ingênua e lúdica, para que futuramente possam exercê-la de maneira autônoma e pela não aceitação de conteúdos impostos sem questionamentos críticos por parte dos educadores.

4. Confinamento da criança x Biblioteca interativa

A infância e toda carga de significados nela intrínseca nem sempre foram tratados como uma fase da vida relacionada à liberdade, à curiosidade, ao direito de descobrir o desconhecido, à infinidade de questionamentos, ao lúdico e às brincadeiras. Cada sociedade, com sua cultura, crença e hábitos, trata a infância de uma forma diferente, muitas vezes ignorando ou acelerando a vida adulta dos pequenos. Perrotti (1990) em seu livro "Confinamento cultural, infância e leitura", na terceira parte intitulada "Infância, cultura e leitura", tem como uma de suas bases teóricas Hannah Arendt (1979), que chama a atenção a respeito do conceito de "privatização" da vida social junto com o desenvolvimento da classe burguesa, traçando um panorama da relação homem-família e sociedade da Europa Medieval até o século XIX, na qual a criança é inserida em diversos espaços. Perrotti (1990) enfatiza:

"À medida em que a urbanização evolui, a infância passa a viver confinada nos espaços propriamente privados - os espaços domésticos ou nesses híbridos, ao mesmo tempo sociais e privados - (escolas, internatos, creches e outros)" (PERROTI, 1990. p.88).

A mesma burguesia que insere a criança em espaços confinados agora seleciona em qual ambiente fechado seus filhos ficarão, segregando, assim, as crianças pobres das ricas e reforçando a exclusão entre classes sociais. Ariés, (1978), aponta:

"As escolas de caridade do século XVII, fundadas para os pobres, atraíam também as crianças ricas. Mas a partir do século XVIII, as famílias burguesas não aceitaram mais essa mistura, e retiraram suas crianças daquilo que se tornaria um sistema de ensino popular, para colocá-las nas pensões, ou nas classes elementares dos colégios, cujo monopólio conquistaram". (ARIÉS, 1978, p. 278)

A infância na escola torna-se cada vez mais autoritária, seja pela constante vigilância e métodos de correção disciplinares baseados em castigos corporais, exposição do aluno e suas dificuldades aos colegas de classe, gerando situações constrangedoras para a criança. Diante deste cenário Perrotti (1990) enfatiza acerca da escola que “ao mesmo tempo que ofereciam instrução, as instituições escolares ofereciam regras de convivência prontas e restritas, a serem cada vez mais submetidas e apartada do mundo” (PERROTTI, 1990. p.91).

Atualmente, trazendo para a realidade brasileira e nosso ensino, o confinamento não diz respeito ao número de horas que a criança fica na escola, mas à sensação, muitas vezes, decorrente da própria concepção que o aluno tem em relação à escola como algo aprisionador.

Outro confinamento enfrentado pela criança na escola é realizado de forma subjetiva: as práticas de leitura. Perrotti (1990) traz o conceito de privatização, já mencionado, para o ato da leitura com a criança, muitas vezes praticado de forma imediatista para complemento de horário ou não planejado anteriormente e sem a inclusão da vivência do mundo da criança nesta prática: “Interesses, de resto, que obviamente não conseguem tocar a fundo crianças e jovens, sobretudo porque desvinculados naqueles mais abrangentes e fortemente motivadores - os do mundo” (PERROTTI, 1990. p.94). Freire (2014) ressalta a importância do homem e seu conhecimento enquanto sujeito, que detém o poder de mudar sua própria história. Trazendo para o universo bibliotecário, é necessário que o profissional tenha consciência que o cotidiano da criança é fator importante e influenciador no hábito de leitura e contação de histórias. Em seu discurso intitulado “O perigo de uma única história”, Chimamanda Adichie relata a importância do homem em não se apoiar unicamente em uma fonte, literatura e ponto de vista. Escritora africana e leitora desde pequena, Adichie não se identificava com os contos ingleses que lia, com crianças loiras de olhos azuis brincando na neve. Posteriormente, ao cursar faculdade nos Estados Unidos, muitos de seus colegas deduziam que, por ser africana, não tinha conhecimento em

coisas básicas do cotidiano, como utilizar eletrodomésticos. Eis o perigo de propiciar somente um ponto de vista, ideologia e fonte para um indivíduo: a ignorância cultural perante ao outro, o desconhecimento, que muitas vezes gera consequências mais sérias como o preconceito, intolerância cultural, xenofobia e o próprio confinamento do saber, pois por não ter tido a oportunidade de conhecer o “diferente acaba-se por desprezar e tratar com indiferença e inferioridade.

A biblioteca, em sua missão social, deve oferecer acesso e oportunidade a todo tipo de literatura para a criança. Durante entrevista em escola pública e particular, apresentada a seguir, percebe-se o tratamento diferenciado frente a essa questão, pois trata-se de um colégio particular tradicional, no qual muitas leituras e projetos são barrados ou dificultados pela direção da escola, enquanto na escola pública há grande incentivo em realizar atividades com diversas temáticas. A ideologia priva a criança ao acesso à diversas informações e a confina, muitas vezes, em um único ponto de vista. Conforme aborda Perrotti (1990), “ na verdade, o bloqueio que lhe impede o acesso a experiência direta da diversidade não apenas desmotiva e empobrece [...] mas também fragiliza” (PERROTTI, 1990. p.96).

Outro ponto a ser trabalhado e encarado de forma suave na biblioteca é o lúdico. É necessário deixar a criança expressar-se à sua maneira de ver o mundo, dando liberdade à criatividade, conceito sempre abordado por Paulo Freire. Perrotti (1990) ressalta o lúdico na escola: “O lúdico nas instituições transforma-se em lado instrumental, pragmático, recurso didático, isca para obter adesões e comportamentos propriamente esperados” (PERROTTI, 1990. p.97). Perrotti ainda leva o banimento do lúdico da criança para esferas mais amplas e futuras, voltada para o mundo dos negócios: “Nas instituições, ao contrário, o lúdico é aprisionado, transformado em mais uma função educativa a serviço da formação do futuro produtor, em mais uma função do mundo econômico” (PERROTTI, 1990. p.97).

É importante incentivar o lúdico, a criatividade e, por meio da mediação do bibliotecário, tornar uma prática não utópica, e sim para a realidade das atividades culturais da biblioteca. Se a criança, após ouvir uma história em uma roda de leitura, fazer um desenho na qual a fada da história é gorda e “feia”, essa deixará de ser fada por não estar nos padrões da sociedade adulta de ser magra e alta? Ressaltar isto para a criança é enfatizar o preconceito e valores morais baseados na estética.

Em poucas palavras, o bibliotecário educador não é somente a “tia” que lê o livro para as crianças. Diante de tudo até aqui exposto, o contexto que envolve o bibliotecário-educador vai além de atuar na biblioteca e realizar a hora do conto.

A situação das bibliotecas escolares no Brasil, principalmente as de escola pública, necessitam de um olhar diferenciado para com os alunos, uma abordagem que propicie um diálogo mais eficaz entre a criança, o livro, as atividades da biblioteca e a própria visão que o aluno tem. “Torna-se necessário que as relações de poder no interior das instituições sejam redefinidas em função de novos projetos culturais e educacionais para a infância” (PERROTTI, 1990. p.101).

É neste contexto de propor projetos educacionais que o conceito de biblioteca interativa surge como alternativa; uma concepção de biblioteca que valoriza acima de tudo o usuário e a ideia de pertencimento que ele possui. Com pouca bibliografia produzida sob o tema, o principal referencial teórico é o artigo de Regina Obata Kaiko, de 1999, da Universidade de São Paulo e intitulado “Biblioteca interativa: Construção de novas relações entre biblioteca e educação”. Kaiko (1999) parte da afirmação da discordância ocorrida entre escola e biblioteca: “O que se verifica é uma incompatibilidade entre os serviços de informação e a natureza educativa da relação da criança com a informação e cultura”. Ao mesmo tempo em que aponta a problemática, logo após apresenta a principal filosofia da biblioteca interativa: “O estabelecimento de relações de interação do sujeito com o universo cultural e informacional da comunidade-sociedade à qual ela pertence” (KAIKO, 1999. p. 94).

Percebe-se grande aproximação da concepção de biblioteca interativa com a ideia do sujeito em estar inserido no mundo do educando que Freire aborda como um de seus principais pilares de seu método de ensino. O usuário na filosofia da biblioteca interativa passa a ser sujeito ativo e com voz, conforme aponta Kaiko (1999) “a nossa ideia de que, [...] o sujeito não seja somente um receptor, mas também um produtor” (KAIKO, 1999. p. 96). É importante que a comunidade sinta-se participante e atuante nas atividades da biblioteca. Mais uma vez Paulo Freire possui relação com a biblioteca interativa, desta vez com a ideia de diálogo, tão fundamental em qualquer relação humana, conforme afirma Kaiko (1999): “A biblioteca interativa deve dialogar também com a própria cultura da comunidade escolar” (KAIKO, 1999. p. 98).

O tema, embora com pouca bibliografia, traz intrinsecamente a noção da biblioteca enquanto espaço da coletividade e da construção do saber. O bibliotecário atuante em escola necessita desta noção do tema, na qual o principal sujeito e protagonista é a criança e cabe ao profissional propiciar condições de diversas maneiras, facilitando a busca nas estantes através de uma classificação didática com desenhos e cores, de um ambiente que o aluno sinta liberdade para expor sua criatividade, diálogo de maneira horizontal, onde educador e educando assumam a mesma posição: ambos aprendizes. Diante de todo exposto nesta pesquisa, percebe-se, mesmo que subjetivamente, os conceitos filosóficos de Paulo Freire e a Biblioteconomia.

5. Aplicação de entrevista para complementação da pesquisa e sua metodologia

As entrevistas foram realizadas em duas escolas da zona oeste da cidade de São Paulo, uma pública e outra particular, no mês de setembro, mediante questionário previamente apresentado às entrevistadas, para conhecimento do tema da pesquisa, e por gravação de áudio no dia da entrevista. O objetivo da entrevista consiste em complementar, por meio de relato de profissionais da área educacional, o cotidiano das atividades da biblioteca e a possível relação que o bibliotecário possui com Paulo Freire, tema desta pesquisa.

Por uma questão ética, optou-se pela omissão do nome das escolas, bem como das entrevistadas. Para fins de comprovação, as entrevistadas assinaram termo de autorização para a divulgação de informações de forma sigilosa a fim de colaborar com a pesquisa.

Durante pesquisa de campo, constatou-se o que é uma realidade no cenário educacional brasileiro: a ausência de bibliotecário em bibliotecas públicas. Muitos profissionais são professores remanejados da sala de aula, e acabam realizando, além de suas tarefas cotidianas, atividades de leitura na biblioteca.

Por coincidência, durante contato com a escola de ensino público fundamental, constatou-se que a responsável pela “sala de leitura” (termo utilizado pelos funcionários e alunos da escola para a biblioteca) não possuía uma bibliotecária, e sim uma professora de sala de leitura, que realiza as atividades cotidianas da biblioteca sozinha. Embora esta pesquisa tenha como foco o profissional bibliotecário e sua capacitação educacional, foi realizada a pesquisa com a educadora devido à disposição dela em colaborar com a pesquisa, à escola, que demonstrou grande interesse, e pelo fato da pesquisadora ter estudado no colégio durante o ensino fundamental. Tal escolha ocasionou na reformulação das perguntas para a escola de colégio público, intitulado “questionário nº 1”.

Pelo fato do responsável não ser bibliotecário, os métodos de organização, seleção e análise das obras não seguem, muitas vezes, os padrões biblioteconômicos.

Já voltado para o colégio particular, o método de escolha baseou-se no fato da bibliotecária responsável ter cursado a mesma faculdade que a entrevistada, com os mesmos conhecimentos teóricos de Biblioteconomia e pela vivência com trabalhos voltados para a biblioteca escolar. O questionário voltado para a biblioteca particular intitula-se "Questionário nº 2", com perguntas formuladas para profissionais bibliotecários e sua vivência e experiência como profissional educador.

Não se trata de uma seleção tendenciosa na qual a biblioteca particular possui profissional "capacitado" e a pública não. Todo relato de experiência na área educacional serve de base para análise teórica e do contexto. Segundo Silva (2003), "a problemática da biblioteca escolar insere-se, pois, numa totalidade bem mais ampla e complexa. [...] Logo, para compreendê-la e os problemas que a atingem, é indispensável a compreensão crítica da totalidade que a envolve" (SILVA, 2003. p. 108).

As entrevistas aplicadas proporcionam reflexão acerca da atuação e capacitação do bibliotecário ou professor e sua necessidade constante de reciclagem, conforme aponta Silva: " que profissionais queremos para assumir as bibliotecas escolares e que formação lhe devemos oferecer? " (SILVA 2003. p.29).

6. Considerações acerca das entrevistas

As entrevistas aplicadas para complementação da pesquisa trouxeram a oportunidade para diversas reflexões e questionamentos relativos à área educacional, principalmente pelo fato das bibliotecas possuírem profissionais atuantes com formações acadêmicas distintas, o que implica em rotinas diferenciadas. A troca de informações resultou na tentativa de compreensão de diversos fatores que influenciam no sucesso ou insucesso da biblioteca.

Primeiramente, uma questão que é de igual entendimento de ambas as bibliotecas é o valor educacional que elas necessitam ter em relação ao corpo pedagógico, à direção e a toda escola. Perrotti (1990) reflete acerca do papel da biblioteca na escola: "Se, graças às suas possibilidades redentoras, a Escola é alvo privilegiado, pelas mesmas razões, mesmo que em menor extensão, a Biblioteca também merece atenções especiais" (PERROTTI, 1990. p. 67). O tratamento dado à biblioteca deve ser em pé de igualdade com a escola, sem degraus de importância, pois ambas devem trabalhar em parceria por um objetivo maior: o aprendizado e o desenvolvimento intelectual do aluno. Inferiorizar a biblioteca denota menor importância educativa, refletindo no trabalho e na atuação do bibliotecário e em suas tarefas. Silva (2003) traz o conceito de fatores extra bibliotecários relacionados à falta de tradição ou consciência bibliotecária, o estranhamento e assimilação da biblioteca como um lugar para o castigo, a leitura mecânica, entre outros; fatores esses que denotam a biblioteca como um espaço inferior em termos educacionais.

Perrotti (1990) reflete sobre a importância da prática da leitura na biblioteca, uma vez que "o objetivo principal da biblioteca deve ser o de incentivar a leitura e oferecer atrativos para incentivar o uso do livro e da biblioteca" (PERROTTI, 1990. p. 70). Esta afirmação é claramente observada no cotidiano da biblioteca pública analisada na entrevista. A professora afirma ter a leitura como sua prioridade (pergunta nº 1,

questionário nº1). A leitura é trabalhada por meio de várias modalidades, como leitura silenciosa, leitura compartilhada, roda da leitura e releitura.

A questão da biblioteca vista como um local lúdico e interativo é apresentado em ambas as bibliotecas. É necessário que o bibliotecário quebre a barreira hierárquica entre professor-aluno na biblioteca, propiciando espaço no qual a criança sinta-se à vontade o que ocasiona, muitas vezes, na visão das crianças da bibliotecária e professora de sala de leitura como confidentes, uma pessoa na qual as crianças depositam confiança e liberdade para expor suas experiências e vivências, resultando num maior envolvimento dos alunos com a leitura e atividades na biblioteca. Segundo Perrotti (1990), “os modelos pedagógicos baseados na obediência dos alunos as regras definidas pelo professor seriam por si só responsáveis pelo afastamento de crianças da leitura” (PERROTTI, 1990. p. 71-72). Mais uma vez ressalta-se o conceito de “educação bancária” de Paulo Freire, conforme já apresentado anteriormente, e suas consequências na vida do indivíduo. A concepção de “educação libertadora”, apontada como solução por Freire, explora a criatividade, curiosidade e a consciência do mundo.

A biblioteca, para muitos alunos, é a oportunidade para fuga do ambiente da sala de aula e um momento para o descanso. Romper com a hierarquia exercida por muitos professores e frequentar a biblioteca é proporcionar um local oportuno para a criatividade do aluno, muitas vezes castrada. Perrotti (1990) aponta que “esse lugar, liberto de exigências de toda espécie, funcionaria como contraponto a tudo que de enfadonho e obrigatório há nos espaços institucionais” (PERROTTI, 1990. p. 73). Tal apontamento observa-se na questão nº 5 do questionário nº 1 e nas questões nº7 e nº9 do questionário nº 2.

Outro ponto levantado por Perrotti traz em contexto um cotidiano presente na biblioteca entrevistada nº2, particular. “A coerção, o autoritarismo explícito das práticas escolares, especialmente as tradicionais, estariam na base de representações que levariam ao desinteresse das crianças e jovens” (PERROTTI, 1990. p. 75). Em análise

das respostas nº 10 e 11 do questionário nº 2, percebe-se a dificuldade das bibliotecárias junto à direção e ao corpo docente do colégio em realizar diversas ações culturais que fujam dos parâmetros culturais, principalmente por tratar-se de um colégio particular tradicional. Percebe-se uma situação oposta na escola pública, conforme resposta nº 8 do questionário nº1. O trabalho interdisciplinar é bem trabalhado, sempre há parceria com o corpo pedagógico da escola e a direção em relação as atividades promovidas pela biblioteca.

Em relação à formação acadêmica, cursos de aperfeiçoamento e reciclagem de bibliotecários e educadores, Perrotti (1990) expressa de maneira enfática uma realidade preocupante:

“A situação não parece diversa no que se refere à Biblioteca. Também entre os bibliotecários o despreparo técnico seria geral e estava na base de problemas como a morte precoce de interesse. Da mesma forma que os demais mediadores, os bibliotecários não possuiriam formação necessária ao desempenho do novo papel de animadores de leitura” (PERROTTI, 1990. P.77).

No mesmo âmbito, Silva (1994) questiona o desconhecimento de muitos bibliotecários da realidade brasileira: “Os bibliotecários e ou autores da área biblioteconômica conhecem os índices de analfabetismo e do fracasso escolar deste país?” (SILVA, 1994. P.23). É ainda mais reflexivo e enfático ao questionar o futuro das bibliotecas escolares referindo-se à capacitação profissional: “Que profissionais queremos para assumir as bibliotecas escolares e que formação devemos oferecer?” (SILVA, 1994. P.29). O questionamento está intrinsicamente ligado à uma questão apresentada no começo desta pesquisa: o perfil necessário para atuação em bibliotecas escolares.

Entramos em uma temática discutida durante entrevista com a biblioteca nº02, na qual há atuação de uma bibliotecária bacharelada, especificamente na questão 14. Entrevistadora e entrevistada, ambas bibliotecárias de formação, reconhecem a importância e necessidade de

uma possível reformulação na grade curricular dos cursos de biblioteconomia no Brasil, com a inclusão de disciplinas voltadas para a temática da biblioteca escolar e ao cenário educacional no Brasil; disciplinas que despertem no aluno o reconhecimento e a consciência de sua profissão no âmbito social. Silva (1994) discute a respeito da falta curricular sobre o tema: "Como esperar mais de uma área cujo curso de graduação, em muitas universidades, não oferece sequer uma disciplina obrigatória ligada às bibliotecas escolares ou à problemática educacional mais ampla?" (SILVA, 1994. p.27).

As entrevistas realizadas trazem à tona apontamentos importantes, uma diversidade de problemas e situações que podem vir a contemplar diversos estudos na área educacional e na biblioteconomia. É de extrema importância que a cada dia sejam realizadas mais pesquisas na área biblioteconômica voltadas à situação da biblioteca escolar para o desenvolvimento de políticas mais eficazes, soluções inovadoras e discussões acerca de carências das mais diversas, relacionadas tanto ao profissional, como à escola, às políticas públicas, à cultura e à sociedade.

7. Considerações finais

Diante de toda exposição teórica apresentada e das entrevistas realizadas, conclui-se que o bibliotecário possui competências e habilidades necessárias para sua atuação enquanto educador. A prática profissional, mediante aos conceitos de Paulo Freire, acarreta no melhor relacionamento com os alunos e melhor desempenho das atividades promovidas na biblioteca escolar. Em face aos inúmeros exemplos de posturas educativas adotadas pelo bibliotecário, como apresentação do acervo, contação de histórias, espaço para o aluno expor sua criatividade, a “educação libertadora” que Freire defende e seu papel enquanto mediador da informação resulta em um ambiente de maior envolvimento entre educador e educando.

As entrevistas realizadas trouxeram a oportunidade de, mesmo que pequena, uma vivência importante na escola, podendo perceber as diferenças entre escola pública e particular. Ambas possuem qualidades e pontos a melhorar, mas também trabalham com garra e determinação a cada dia para que a biblioteca seja vista como um local de acesso à cultura, à informação e ao aprendizado. A concepção de biblioteca interativa aliada à visão humanista e filosófica de Paulo Freire propicia um ambiente capaz de explorar a imaginação e a criatividade dos alunos.

É necessário que os cursos de Biblioteconomia reformulem suas grades curriculares com disciplinas que enfoquem o bibliotecário enquanto educador e que abordem a educação no Brasil e suas dificuldades com a profissão do bibliotecário, assim como seu papel social. Essa visão da biblioteconomia é importante para preparar profissionais mais capacitados, com perfil selecionado para atuar na escola e acima de tudo desenvolver um trabalho de qualidade e compromisso com o aluno.

8. Apêndices

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO Nº 1 (APLICADO EM “SALA DE LEITURA” DE ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICA E RESPONDIDO POR UMA PROFESSORA EM 04-09-2015)

1) Há quanto tempo trabalha nesta biblioteca?

Entrevistada: Há um ano e meio nesta sala de leitura.

2) Relate sobre o cotidiano da biblioteca

Entrevistada: Todas as turmas têm uma aula de 45 minutos por semana na sala de leitura.

- Cada ano do ciclo tem os gêneros textuais que serão trabalhados ao longo do ano, indicado pelos parâmetros curriculares e, de acordo com o gênero trabalhado, eu preparo a aula, utilizando diversos materiais, atividades e dinâmicas: leitura oral (professor-aluno), leitura silenciosa, leitura compartilhada, roda da leitura, releitura, roda de conversa, dramatização, criação de histórias, recontando a história, criação de texto ou poesia autoral e outros.

- Também faço orientação à pesquisa, auxiliando os professores das diversas áreas do conhecimento.

- Na nossa aula não existe nota, o aluno é avaliado pela participação nas atividades.

- Também estamos fazendo um trabalho integrado com outras escolas da região para que as crianças que serão nossos alunos no futuro possam conhecer a escola. Fizemos um cronograma, onde o professor e a sua turma vem conhecer as dependências da escola, visitam nossa sala, ouvem histórias contadas por mim e por alguns alunos e participam de atividades.

- Os alunos podem fazer empréstimo de livros para ele e para a família.

- O meu planejamento é flexível. Quando chega alguma demanda de aluno e vejo que o interesse é da maioria, as vezes redireciono as atividades para atender o que é mais importante para eles naquele momento.

3) Considera importante que a biblioteca tenha um bibliotecário? Em quais momentos?

Entrevistada: Avaliando o trabalho que realizamos, não sinto a necessidade de um bibliotecário, mas de um professor auxiliar. No momento, a SME está implantando um sistema de gestão do acervo, que vai facilitar muito a organização, o controle, a localização, o empréstimo e devolução de livros.

4) Quais ações culturais a biblioteca realiza?

Entrevistada: Tenho alguns projetos para o futuro, como formação de alunos monitores, formação de mediadores de leitura, biblioteca itinerante nas salas, sarau de poesias, café literário e outros.

5) Como é a relação educador-aluno?

Entrevistada: O fato de não ter nota e a disposição das mesas tornam a relação mais próxima. As crianças pequenas me encontram nos corredores e correm para me abraçar e me perguntam se vai ter aula de leitura naquele dia. Como a leitura é um ato de prazer, o aluno está sempre mais disposto a participar das atividades.

6) Você recebeu algum curso de aperfeiçoamento ou reciclagem para atuar na biblioteca? Caso negativo, considera importante?

Entrevistada: Faço muitos cursos de formação contínua oferecidos pela rede e muitos por iniciativa própria, que também valem para a evolução funcional. Mas nunca tive orientação específica para organizar o acervo.

7) Quais as maiores dificuldades para sua atuação na biblioteca?

Entrevistada: A falta de muitos livros procurados pelos alunos, principalmente os lançamentos, ou aqueles que geraram filme, a carga de trabalho (por ser sozinha) para organizar tudo e assumir as 21 turmas e o desinteresse pela leitura por grande parte dos adolescentes, que insistem em usar celular e não levam a aula de leitura a sério.

8) Há colaboração e envolvimento entre os professores, a direção e os funcionários da escola com as atividades da biblioteca?

Entrevistada: Há uma parceria grande. Tudo que solicito à direção e coordenação é atendido na medida do possível. Eu procuro trabalhar de forma interdisciplinar, colaborando com os projetos de todas as áreas do conhecimento e os professores e os alunos sempre solicitam minha ajuda quando precisam fazer pesquisas ou consultar alguma bibliografia.

9) Conhece o educador Paulo Freire e seu método de ensino? Considera importante sua visão humanista na relação aluno-educador?

Entrevistada: Conheço um pouco e acho importante esse papel de mediador do professor. O professor não detém o conhecimento. Ao mesmo tempo em que ele o ensina também aprende muito com o aluno e, para isso, tem que ter o diálogo e uma relação de afeto. A leitura propicia muito diálogo e troca de opiniões, tanto entre os alunos quanto alunos e professor. Eu sempre procuro fazer questionamentos para que os alunos reflitam sobre a realidade de forma crítica e saibam se posicionar em relação às diversas situações com as quais se deparam.

10) Como potencializar o papel educativo da biblioteca?

Entrevistada: *Repensando a proporção turmas-POSL, o professor passa mais tempo para planejar as aulas, pensar e organizar novos projetos de estímulo à leitura, tanto para o aluno, quanto a comunidade:

- Estimulando o trabalho autoral;
- Promovendo situações-eventos para dar visibilidade às produções do aluno;
- Criação de projetos para a participação efetiva do aluno, como Sarau de Poesia, Clube de Leitura, Café Literário com a família, Alunos monitores, alunos Mediadores de Leitura, Biblioteca Itinerante etc. e
- Criando estratégias de participação das famílias e da comunidade.

APENDICE 2 – QUESTIONÁRIO Nº 2 (APLICADO EM BIBLIOTECA DE COLÁGIO PARTICULAR E RESPONDIDO POR UMA BIBLIOTECÁRIA EM 10-09-2015)

1- Há quanto tempo trabalha nesta biblioteca?

Entrevistada: Um ano e meio.

2- Comente um pouco sobre suas experiências com o público infantil

Entrevistada: Agregar conhecimentos de literatura infantil e infanto juvenil.

3- Conhece o educador Paulo Freire? Já ouviu falar ou conhece sua metodologia de ensino?

Entrevistada: Sim. Conheço sua metodologia, pois utilizei suas teorias para conclusão de trabalho na graduação em Biblioteconomia.

4- Você enxerga o bibliotecário como um educador? Em quais momentos ele exerce este papel?

Entrevistada: Sim. Exerce a todo o momento na troca de informação com os usuários da biblioteca, explicando não só materiais existentes no acervo, mas também acrescentando conhecimentos sociais e de cidadania.

5- Enxerga o bibliotecário como mediador da informação? Em qual momento ele exerce este papel?

Entrevistada: O bibliotecário sempre será um mediador da informação, pois ele é a ponte entre informação e usuário. Exerce a

função de mediador com eficiência na entrega ou debate da informação para o usuário, sendo essa informação precisa e fidedigna.

6- Em que momento sua profissão exerce papel político e social?

Entrevistada: Desenvolvendo o espaço de diálogo e cidadania, não sendo tendenciosa e sim aberta às discussões filosóficas e reflexivas para a vida social.

7- Em relação às atividades na biblioteca, há grande participação das crianças? Elas gostam?

Entrevistada: As crianças participam, porque a biblioteca está inclusa nas aulas de contação de história, mas as que gostam são específicas. A circulação de alunos na biblioteca não é para empréstimo de livros, é mais para interação entre eles, um espaço lúdico e divertido que deixam ser livre do “presídio” escola.

8- Como a biblioteca pode potencializar o desenvolvimento do aluno em suas atividades culturais?

Entrevistada: Mostrar que o conhecimento tradicional não está completo sem o desenvolvimento social e criativo para transformar um cidadão consciente.

9- Quais ações culturais a biblioteca realiza?

Entrevistada: A biblioteca não é somente para consulta e empréstimo de livros, é principalmente para brincar, dormir, dançar, rir e ser feliz. As atividades fazem intertextualidade entre livro, dança teatro, música, poesia, filme e afins.

10- As atividades da biblioteca são em parceria com o corpo pedagógico da escola? Há trabalho colaborativo entre professor e bibliotecário?

Entrevistada: Não. Os projetos feitos pela biblioteca são desenvolvidos e aplicados somente pela biblioteca e quando algum professor se interessa ou comenta, fazemos as atividades em conjunto, mas no geral isso não acontece.

11- Em sua opinião, há dificuldades de você, enquanto bibliotecário, exercer um trabalho educativo na biblioteca? Quais são os principais?

Entrevistada: Existe e não existe ao mesmo tempo. Não existe porque executamos nossas ideias sem consultar a escala hierárquica, pois as poucas vezes que consultamos não obtivemos retorno. Então fazemos aquilo que achamos importante para aplicar de atividades na biblioteca. Entretanto quando algo afeta o tradicional é o ponto em que começam as dificuldades.

12- Você acha que o bibliotecário escolar, através da visão humanista de Paulo Freire prega, traz benefícios na relação entre seus usuários?

Entrevistada: Sim. Pregamos na biblioteca exatamente o convívio e conhecimento humanista, filosófico e social.

13- Como o usuário pode potencializar o papel educativo da biblioteca?

Entrevistada: Não são todos os usuários que potencializam, pois o interesse é individual, na maioria dos casos somente cumprem o horário de frequentar a biblioteca, isso porque não é trabalhado desde o princípio escolar o gosto pela leitura, a partir do ensino infantil. Os alunos que potencializam já trazem de casa o costume de ler.

14- Acredita que conhecimentos pedagógicos básicos resultam em um bibliotecário melhor preparado para atuar no ambiente escolar?

Entrevistada: Com certeza. Um bibliotecário com vasto conhecimento sempre trará ao usuário também um vasto conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARIÉS, Phillipe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARENDT, Hannah. **A crise da cultura: sua importância social e política**. In: *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CAMPELLO, Bernadete. **Biblioteca escolar: Conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMPELLO, Bernadete. **Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola**. Belo Horizonte: AUTÊNTICA, 2009.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini *et al.* **Bibliotecário escolar: um educador?** Rev. ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 7, n.1, 2002.

COTRIM, Gilberto. **História para o ensino médio, Brasil e geral**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

DOUGLAS, Mary Peacock. **A biblioteca da escola primária e suas funções**. Rio de Janeiro: INL, 1971.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 14.ed, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOMES, H.F. Tendências de pesquisa sobre mediação, circulação e apropriação da informação no Brasil: estudos em periódicos e anais e dos ENANCIB (2008-2009). **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.3 n. 1, p. 85-99, jan/dez. 2010b.

JÚNIOR, Almeida. O. F. **Mediação da informação e múltiplas linguagens**. Pesquisa brasileira em Ciência da Informação, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan/dez. 2009.

LAGO, Natasha Juliana Mascarenhas Pereira. **O olhar do poeta moderno- diálogo entre as obras de Manuel Bandeira e de Charles Baudelaire**. Dalimpgesto: Rio de Janeiro, n.12, ano10, 2011. Disponível em:

<http://www.pglettras.uerj.br/palimpsesto/num12/estudos/palimpsesto12e estudos05.pdf> Acesso em: 01 jul 215.

LIMA, Venício, A. de. **Comunicação e cultura: as ideias de Paulo Freire**. 2.ed.rev. Brasília: Unb/Perseu Abramo, 2011.

MALHEIRO, A.; RIBEIRO, F. **Paradigmas, serviços e mediações em serviços da informação**. Recife: Néctar, 2011.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. *Ler e escrever na biblioteca*. In: **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 5. Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade-UFRGS, 2003.

OBATA, Regina Kaiko. **Biblioteca interativa: construção de novas relações entre biblioteca e educação.** São Paulo: Nova Série, 1999. V.1, n.1, p.91-103.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo: Summus, 1990. Novas buscas em educação, v. 38.

SILVA, EZEQUIEL THEODORO DA. Biblioteca escolar: Centro difusor do fazer educativo. *In*: MAROTO, LUCIA HELENA: **Biblioteca escolar, eis a questão: Do espaço do castigo ao centro do fazer educativo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 75-90.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar.** São Paulo: Cortes, Coleção questões da nossa época, 3.ed, v.45, 2003.